

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

(1911-1994)

✘ Ernesto Guerra da Cal foi o vulto galego mais importante da segunda metade do século XX, a nível internacional. Licenciou-se em Filosofia e Letras e exerceu a actividade de professor nos Estados Unidos de América. Para além de poeta e ensaísta, foi ainda colaborador em trabalhos de investigação para universidades de Portugal e do Brasil, países aonde se deslocou para proferir diversas conferências e seminários.

Foi um dos mais reconhecidos especialistas em Eça de Queirós, autor sobre quem versou a sua tese de doutoramento, a primeira tese sobre literatura portuguesa nos EUA. Participou na vida cultural galega no exílio, colaborando na Unity Gallega de Nova Iorque, entre outros coletivos de emigrantes. Foi membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e da Academia de Ciências de Nova Iorque. Recebeu diversas honras, entre as quais podemos destacar a Medalha do Padre Anchieta, o Oficialato da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a Medalha Oskar Nobiling e a Medalha Honoris Causa pela Universidade de Baía (Brasil); a Ordem Militar de Santiago-da-Espada, a Ordem do Infante Dom Henrique, a Ordem Militar da Nossa Senhora da Conceição de Vila-Viçosa e a Medalha Honoris Causa pela Universidade de Coimbra (Portugal); recebeu a medalha da Hispanic Society of America e foi homenageado pela University of California como pioneiro dos Estudos Luso-Brasileiros nos Estados Unidos.

Publicou diversos ensaios, entre os quais destacamos *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, publicado pela Universidade de Coimbra, e a monumental *Bibliografia Queirosiana*. A maior parte da sua poesia, cerca de 300 poemas, está recolhida nos volumes *Lua de alén Mar* (1959), “Poemas” (revista *Papeles de Son Armadans*, 1961), *Rio de Sonho e Tempo* (1963), “Seis motivos do eu” (*Papeles de Son Armadans*, 1966), *Futuro Imemorial* (1985), *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas* (1987), *Espelho Cego* (1990) e *Caracol ao Pôr-do-sol* (1991). Quer nos seus ensaios quer nas suas escolhas poéticas, sempre defendeu que a língua galega era uma variedade da portuguesa, devendo normativizar-se conjuntamente com esta e sob os mesmos critérios. Os poemas que incluímos a seguir fazem parte dos livros *Futuro Imemorial* e *Caracol ao Pôr-do-sol*.

Embora a palavra “Europa” não surja na produção poética de Guerra da Cal, a verdade é que essa obra relata continuamente a história da Europa. Os temas fundamentais que podemos achar na sua poesia são a guerra e a emigração, que chegam a fundirse num só poema, ambos ligados à memória, a experiência vital. O primeiro é “Guerra – No esquecimento”, onde assistimos à representação do espaço bélico inspirado, possivelmente, pela guerra civil espanhola: “toco o meu camarada / aqui / ao meu lado / na trincheira avançada: / Morto!”. No segundo, “Campanha”, a linguagem bélica traduz a infeliz situação dos emigrados por culpa do conflito: “Filho perdido / da minha Mãe / Moço arrancado / da minha Terra / Morto soldado desconhecido”. No terceiro, “Pátria, A Galiza”, temos as lembranças da terra abandonada, preservadas indefinidamente na memória: “Amo-te / sobretudo / como eu te quereria / como eu em mim te crio / dia após dia / como um encantamento da minha infância / e da minha fantasia”, repetindo-se o motivo da emigração: “Posso eu acaso me reconhecer / naquele rapaz loiro / que chorando partiu / um dia crepuscular e montanhoso / de Quiroga / no Sil / há tantos anos e tantos desenganos?”. No quarto poema, “Sonho vivo em paisagem morta”, o autor descreve mais uma vez o espaço marcial: “O Sol brilha indecente / e / indiferentemente nu / a alumiar os sapatos / vazios / dos cadáveres”, chegando a dar detalhes que podemos associar com diversas guerras, quer por nomear o lugar, quer por vultos ligados a elas: “E uma tarde de sol / morrer ainda outra vez / lambendo heroicamente / as botas militares / no Vietname / ou dando hebraicamente / os dentes de ouro / às câmaras de gás / ou cuspiendo os pulmões aos pedaços / nas rochas Franco-regeneradoras / do Vale dos Caídos”. No quinto, “Pavana ritual para um poeta assassinado”, a guerra e as suas consequências em Espanha, o assassinato massivo de pessoas inocentes, como Federico García Lorca, íntimo amigo de Guerra da Cal: “FEDERICO, estás morto! Ouves o que te digo? / Mataram-te bem morto / de uma morte total / perpétua, irrevogável”. Finalmente, o sexto poema, “Bombardeamento”, combina um relato amoroso com um relato belicista: “Depois: dois corpos nus / em entrelaçamento incandescente / Cheiro a sexo / misturado com água de colónia / húmidos beijos / lascivos e inocentes... / E de chofre: – / o alto alarido das sereias de alarme / e o roncar dos motores agressores pelos cimos do céu”.

[verbete escrito em língua galega (português da Galiza)]

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

## Lista de poemas sobre a Europa

- “Guerra – No esquecimento”, *Futuro Imemorial* (1985)
- “Campanha”, *Futuro Imemorial* (1985)
- “Pátria – A Galiza”, *Futuro Imemorial* (1985)
- “Sonho vivo em paisagem morta”, *Futuro Imemorial* (1985)
- “Pavana ritual para um poeta assassinado”, *Futuro Imemorial* (1985)
- “Bombardeamento”, *Caracol ao Pôr-do-sol* (1991)

## Antologia breve

### GUERRA — NO ESQUECIMENTO

Na noite inacabada  
dos derradeiros tiros  
da vaga madrugada  
quase calma  
toco o meu camarada  
aqui  
ao meu lado  
na trincheira avançada:  
Morto!

E quero preservar  
no arquivo da minha alma  
a sua cara  
Não a cara fechada  
já desactualizada  
do seu agora  
frio  
senão aquela outra  
que tinha sempre aberta  
em perene risada

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

quando vivo

Não posso  
e fico absorto

E vejo que no mundo não há nada  
mais cruelmente difícil de fixar  
que um rosto vivo  
                morto  
E essa certeza gélida  
                marmórea  
me fere no recanto mais íntimo  
do espaço limpo  
do espanto branco  
                da desmemória

Cuernavaca  
México  
1958  
(*Futuro imemorial*, 1985)

CAMPANHA

Filho perdido  
da minha Mãe  
        Moço arrancado  
da minha Terra  
        Morto soldado desconhecido  
da minha obscura  
        e errante guerra

Onde há uma cova  
e uma mortalha  
        para o insepulto  
corpo jacente  
        do combatente  
Galaaz andante sem Graal à frente

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

nu  
frio  
sozinho?

Houve batalha?  
Haverá paz?  
Houve caminho?

New York City  
1965  
(*Futuro Imemorial*, 1985)

PÁTRIA

Porque volvió, sin regresar, Ulises.  
Miguel Ángel Asturias

A Galiza  
é para mim  
um mito pessoal  
maternal e nutrício  
com longa teimosia elaborado  
de louco amor filial  
de degredado  
(E de facto é também  
— porquê não confessá-lo —  
um execrável vício  
sublimado)

A Galiza  
foi sempre para mim  
um refúgio mental  
um jardim de lembranças  
sossegado  
um ninho de frouxel acolhedor  
para onde fugir

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

do duro batalhar e do estridor  
da Vida  
e do acre ressaibo do Pecado  
Subterfúgio subtil  
e purificador  
de interior evasão  
para o descanso da alma  
na calma  
pastoril  
de perfeição de Arcádia  
da Terra Prometida  
da imaginação

A Galiza  
é o meu amor constante  
tranquila e fiel esposa  
e impetuosa amante  
sempre  
como Penélope a tecer  
na espera  
ansiosa e plácida  
paciente e palpitante  
de retorno final  
do seu errante e navegante Ulisses  
— outra quimera!

Amo-a  
como o náufrago desesperado  
ama a costa longínqua e ansiada  
que nunca há-de avistar  
Amo-a  
com saudade antevista de emigrado  
que à partida se sabe já  
fadado

a ser ausente morrinhento  
de nunca mais voltar  
Porque ninguém jamais regressa do desterro

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

à mesma terra que deixou  
(O Espaço dissolve-se no Tempo:  
os lugares  
e as gentes que os habitam  
mudam e morrem sempre  
e nós também morremos  
e mudamos  
Posso eu acaso me reconhecer  
naquele rapaz loiro  
que chorando partiu  
um dia crepuscular e montanhoso  
de Quiroga  
no Sil  
há tantos anos  
e tantos desenganos?

Amo-a  
Amei-a sempre  
porque nunca deixei  
de estar ligado a Ela  
pelo umbigo  
Porque Ela foi meu berço  
e onde quer que eu morrer  
Ela há-de ser  
o meu íntimo  
e último jazigo  
Amo-te  
enfim  
Galiza  
coitada, triste e bela Pátria minha  
como Tu és  
como o Senhor  
num mau dia te fez  
órfã de história e alienada de alma  
vespertina submissa e maliciosa  
rústica e pobrezinha

Amo-te

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

sobretudo  
como eu te quereria  
    como eu em mim te crio  
        dia após dia  
como um encantamento da minha infância  
    e da minha fantasia  
Amo-te  
    como eu  
tresnoitado poeta evangelista  
    te invento e mitifico  
E, como com Jesus Cristo fez Mateus,  
    visto com ilusórios véus  
a tua miseranda e cinzenta Paixão  
    e intento  
        com interna e intensa  
            distante devoção  
pôr-te um nimbo de Glória imaginária  
    num apócrifo Novo Testamento

Estoril  
1984  
(*Futuro Imemorial*, 1985)

SONHO VIVO EM PAISAGEM MORTA

A Mestre Rodrigues Lapa, *ex toto corde*

As pombas caem mortas  
    dos ramos da oliveira  
e Cassandra as recolhe  
    e tenta revivê-las com saliva

(Onde estou? Que paisagem é esta?)

O Sol brilha indecente  
    e indiferentemente nu



ADOLFO CASAIS MONTEIRO

a alumiar os sapatos  
vazios  
dos cadáveres  
e a desfilarem em nuvens de entressonho  
os ossos espelhados dos feridos  
as choupanas em brasa  
as mulheres abertas  
e as pétalas vermelhas dos meninos  
que desfolhou a bomba  
infanticida

(Onde estou? Onde estou? Estou perdido!)

Tormentas de cabelos inflamados  
multidões de membros divorciados  
em fuga desmedida  
desnorream as moscas  
verdes  
da podridão  
vagabundas da noite arrepiada

(Que paisagem é esta? Estou com frio!)

Estrelas moribundas e tinhosas  
percorrem tresloucadas  
os cemitérios cegos  
à procura  
de sombras transparentes e sem dono  
no céu empedernido  
sem saída

(Por favor, onde estou?)

Os canhões  
como lobos  
ululam negramente  
na peçonhenta lividez de Lua  
que parte em dois o dia

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

tornando absurda a hora  
que não é  
nem de Fim  
nem de Começo

(E eu me pergunto  
alheio:  
como é que eu vim parar  
a esta paisagem?)

Onde foram as Ninfas  
e os Sátiros de Rubens?

Onde as Festas Galantes  
de Verlaine

A Ilha dos Amores  
de Camões?

E Catulo  
e o Mirto  
e a Maçã

E as tetas de Afrodite  
deliciosas

E as doces inocências do Natal  
com Gaspar e Melchior e Baltasar  
e o presépio de barro  
do Menino Jesus?

Não se pode escapar  
já nunca mais  
do apavorante carrocel de Sonho?

Haverá que nascer  
idiotamente sempre  
para aprender Latim  
ou qualquer coisa assim  
em tardes infindáveis  
masturbadas?

E ter que decorar  
que «A Gália era toda dividida

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

em partes três»

E chorar  
    ter o sarampo  
rir  
    cantar  
namorar  
    fornicar  
e acreditar  
    que Deus é Bom e Justo e Todo-Poderoso  
Princípio e Fim de tudo  
    E tomar aspirinas  
p´ra as dores metafísicas  
    divinas

E uma tarde de sol  
    morrer ainda outra vez  
lambendo heroicamente  
    as botas militares  
no Vietname  
    ou dando hebraicamente  
os dentes de ouro  
    às câmaras de gás  
ou cuspiendo os pulmões aos pedaços  
    nas rochas Franco-regeneradoras  
do Vale dos Caídos  
ou entregando a alma  
    lavada com lixívia  
e encravada  
    a um Comissário gordo  
entre arames farpados  
    nas tundras da Sibéria

(Eu sei que já cá estive  
    Conheço esta Paixão  
    e esta Paisagem  
Já dormi e acordei  
    e tornei a dormir

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

e a despertar  
no mesmo amanhecer alucinado  
de pesadelo eterno  
marasmado  
Conheço esta Paisagem  
com olhos invadidos de água  
amarga  
de vergonha e espanto transbordados)

Será assim para sempre  
sem Dia da Ira — e o Arcanjo sempre ausente?

Sempre a recommençar  
a afronta inexorável  
do lume das Fogueiras  
do frio das Masmorras  
dos nós das Forcas  
e o lampejar de chumbo  
das descargas  
dos Esquadrões da Morte?

Sempre as mesmas orgias sanguinolentas  
dos Ouros  
e das Copas  
e as Espadas  
e dos Paus implacáveis  
das torvas Utopias aplicadas?

Meu velho coração  
está rebelde hoje  
Como está revoltado  
o chapéu maltrapilho  
com que ele cobre  
a sua nocturnidade calcinada  
E ambos se insurgem  
brandos  
recusando aceitar tanta ruína  
de Paisagem macabra e asinina

E os dois levantam seu protesto

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

gasto  
e uma bandeira antiga  
enfasiada e branca  
pedindo as tréguas  
gritando a Deus que rompa  
o seu longo silêncio criminoso  
e que decrete o Fim definitivo  
deste insano terror  
destro e sinistro

Pedindo o absoluto indispensável  
o Pão  
o Sal  
Pedindo a limpa Aurora  
que desterre p'ra sempre  
esta Noite abismal incoerente  
monocorde e teimosa

E eu desfilo com eles no peito e na cabeça  
abraçado à esperança luminosa  
do nascimento eterno  
e intemporal da Rosa

Amityville  
New York  
1975  
(*Futuro Imemorial*, 1985)

PAVANA RITUAL  
PARA UM POETA ASSASSINADO  
(GRANADA) 1936

Only the dead are safe.  
George Santayana

Baruch at-Adonai!

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Bendito seja Deus!

ELE

acolheu-te no berço do seu regaço imenso  
com grandioso, profundo e desolado  
lamento de Pietà  
com o que deu Maria na Descida  
do Corpo inanimado do Filho  
na Paixão

Na noite inexorável que a Morte já escolhera  
para selar teu canto com seu beijo sombrio  
ouviram-se na Alhambra  
e entre os ciprestes do Generalife  
os soluços das fontes  
afogados

E as colunas morunas  
nos seus arcos de lua rendilhada  
tremeram com um forte calafrio

Doze Leões em roda no seu Pátio  
rugiram um trovão vulcânico  
de pedra  
que abafou em Viznar  
a descarga sinistra dos morcegos tricornes  
inimigos da Luz e da Beleza

E todas as guitarras de Picasso  
e as da Hispânia infinita  
arranharam a cara num pranto em carne viva  
querendo para sempre emudecê-las  
e mostraram  
pela primeira vez  
as antigas e íntimas  
cicatrizes ocultas das colhidas

Leopardos e Pombas  
Arcanjos e Demónios  
Ancestrais Minotauros de Tartessos  
e Touros milenários

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

de Assíria, de Guernica  
de Creta e do Zodíaco  
e as outras criaturas  
humildes do bom Deus  
todos  
se inteiriçaram  
naquele infindo instante  
em que a mão gris  
de chumbo  
te arrebatou do teu jardim moreno  
de Ecos em cio  
a procura do gume de navalhas em flor  
e Narcisos sonâmbulos feridos  
por sombras a galope na espiral  
da tua noite verde  
de oliveirais ciganos  
espectrais

FEDERICO, estás morto! Ouves o que te digo?  
Mataram-te bem morto  
de uma morte total  
perpétua, irrevogável

O apetite de sangue saciou-se:  
O Cordeiro morreu  
morreu o Rouxinol

Agora  
estás moldado em osso  
talhado em cinza  
Porém  
não há quem possa  
extinguir os teus olhos de lume aluarado  
Eu os vejo ainda abertos  
E a cantar!

A heróica altura estóica da Tragédia  
incendeia em vermelho

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

essa canção pasmosa de criança grande  
cândida e sabiamente  
assombrada do mundo  
inédito  
em redor

As lágrimas secaram  
e o Tempo pôde já  
respirar à vontade  
sem angústia

O som silencioso  
do fluir das areias da ampulheta  
vai esvaindo aos poucos  
o perfil tenebroso  
da negrura do crime  
inexpiável

(Na corrente de sombra do Passado  
apenas mais um elo  
violento e fantasmal)

Porém  
a voz insólita arderá para sempre  
vibrando em brasa cada vez mais alta

Agora estás a salvo, FEDERICO  
tranquilo no descanso de granito  
vasto e seguro  
das mansões da Morte

Nem Ela  
nem ninguém  
pode tocar-te!

Estoril

1984

(*Futuro Imemorial*, 1985)



ADOLFO CASAIS MONTEIRO

BOMBARDEAMENTO

[Barcelona, 1938]

Encontrei-a na rua  
    perto da Diagonal  
Era loira e bem feita  
    Duas covinhas  
pontuavam-lhe a curva do sorriso  
    auroral  
    Disse-me o nome  
que os longos anos idos  
    fizeram esquecer  
    Lembro-me do apelido  
- bem catalão: Carner  
    Era virgem, católica e ardente  
.....  
.....  
    Depois: dois corpos nus  
em entrelaçamento incandescente  
    Cheiro a sexo  
    misturado com água de colónia  
húmidos beijos  
    lascivos e inocentes...  
    E de chofre: -  
    o alto alarido das sereias de alarme  
e o roncar dos motores agressores pelos cimos do céu:  
.....  
    trovões  
    estilhaços  
    calçadas esventradas  
    prédios ao desbarato  
    corpos despedaçados....  
.....  
.....  
    “Fins a demá! - disseste num abraço  
perturbado  
    no teu idioma próprio  
    Mas não houve ‘amanhã’

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

naturalmente  
Não havia tampouco ontem nem hoje  
Era guerra  
e a guerra anula o Tempo  
Tivemos só um instante  
furiosamente edénico  
interrupto  
naquele quarto ingreme e vacante  
de amorosa guarida  
E para sempre nunca mais:  
Adeus!  
E um holocausto como despedida.

Londres  
Fevereiro, 1991.  
(*Caracol ao Pôr-do-sol*, 1991)

### **Bibliografia ativa selecionada**

GÓMEZ, Joel R. (2015), *Ernesto Guerra da Cal, do exílio a galego universal*, Santiago de Compostela, Através Editora.

LÓPEZ ZEBRAL, José Manuel (2020), *O Ferrolano Ernesto Guerra da Cal, estudo do seu pensamento político, biográfico e de contexto*, disponível em:

[www.academia.edu/42755154/O\\_FERROLANO\\_ERNESTO\\_GUERRA\\_DA\\_CAL\\_ESTUDO\\_DO\\_SEU\\_PENSAMENTO\\_POL%C3%8DTICO\\_BIOGR%C3%81FICO\\_E\\_DE\\_CONTEXTO\\_por\\_MANUEL\\_LOPES\\_ZEBRAL](http://www.academia.edu/42755154/O_FERROLANO_ERNESTO_GUERRA_DA_CAL_ESTUDO_DO_SEU_PENSAMENTO_POL%C3%8DTICO_BIOGR%C3%81FICO_E_DE_CONTEXTO_por_MANUEL_LOPES_ZEBRAL)

CAL, Ernesto Guerra da (1985), *Futuro Imemorial*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.  
— (1991), *Caracol ao Pôr-do-sol*, Corunha, AGAL.

**Paulo Fernandes Mirás**

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

**Como citar este verbete:**

MIRÁS, Paulo Fernandes (2022), “Ernesto Guerra da Cal”, in *A Europa face a Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6.

<https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbeta/ernesto-guerra-da-cal/>